

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: ENTREVISTA COM ANGELA DEL CARMEN BUSTOS ROMERO DE KLEIMAN

Marília Curado VALSECHI*

O conceito de letramento sofreu um crescente movimento de difusão na esfera pedagógica, de alguns anos para cá. Surgido nas ciências sociais, justamente com o propósito de separar estudos relacionados ao campo da alfabetização dos estudos que se preocupavam em investigar os impactos sociais da escrita (KLEIMAN, 1995), o letramento pode ser entendido como conjunto de práticas sociais de uso da escrita.

A compreensão da escrita como um constructo sócio-histórico e ideológico, própria da perspectiva teórica dos Estudos do Letramento, terá implicações para o ensino, razão pela qual o conceito acaba migrando para o campo educacional e, nesse movimento, recebe diferentes acentos valorativos (VOLOCHINOV/ BAKHTIN, 2004), decorrentes do processo de apropriação dessa palavra.

Letramento passou a ser considerado como uma habilidade ou competência do indivíduo de usar a escrita, como novo termo para alfabetização ou mesmo como um método de ensino, sendo, muitas vezes, colocado em relação dicotômica com o conceito de alfabetização.

No intuito de desfazer esses mal-entendidos que se criaram sobre “Letramento”, bem como explicar as implicações que tal perspectiva pode oferecer à prática pedagógica, Kleiman (2005) publicou o livro “Preciso ensinar o ‘letramento’: não basta ensinar a ler e escrever?” – pertencente à coleção “Linguagem e Letramento em Foco”, voltada especificamente para o público docente – título que deixa nítida a atitude responsiva de esclarecer dúvidas dos professores que se originaram em torno de tal conceito.

Assim, a fim de reiterar a compreensão sobre como o conceito de letramento pode ser concebido com relação ao conceito de alfabetização, realizamos uma entrevista com a Profa. Dra. Angela Kleiman, Professora do Departamento de Linguística Aplicada da UNICAMP, que muitas contribuições têm trazido para os estudos do letramento.

É importante ressaltar que selecionamos para esta entrevista apenas um dos temas – letramento e alfabetização – que podem ser abordados nessa perspectiva teórica. Outros que interessam aos estudos do letramento são: letramento em comunidades minoritárias, letramento para o local de trabalho, letramento e identidade, letramento digital, entre outros.

* Mestre em Linguística Aplicada pelo Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas. Possui graduação em Licenciatura em Letras (Português/ Espanhol) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2006). Trabalha na área de formação de professores. Principais experiências docentes: ensino a distância na área de formação continuada de professores e ensino superior público e privado. Atualmente, leciona as disciplinas "Estágios Curriculares Supervisionados I e II: língua materna" e "Linguística Aplicada: ensino de língua materna" às turmas do noturno do curso de Letras do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (UNESP/IBLCE).

Marília Valsechi: Como você enxerga a relação entre os conceitos de alfabetização e letramento?

Angela Kleiman: Considero que a alfabetização é uma prática de letramento, própria das atividades escolares, com metas e fins específicos, portanto, trata-se de uma prática social situada.

MV: Como considerar a alfabetização dentro de uma perspectiva social da escrita, em vez da concepção tradicional que trabalha as práticas de leitura e produção textual com ênfase em habilidades individuais?

AK: Não há incompatibilidade entre a alfabetização e a prática social desde que seja esta última a que determine os objetivos do ensino da língua escrita. O trabalho da alfabetização para a prática social centra-se, naturalmente, nos participantes da vida social, adequando-se aos seus interesses e objetivos – alfabetizar-se para, aos poucos, tornar-se mais autônomo nas situações em que se usa a língua escrita. Ainda, será feita a partir de textos, pois toda atividade social, toda interação se concretiza por meio de textos.

MV: Levar em consideração a perspectiva sócio-cultural dos estudos do letramento significa deixar de incluir, nas práticas de ensino do código escrito, os métodos de alfabetização, ou seja, as práticas analíticas escolares voltadas para a sistematização do código escrito?

AK: De nenhuma maneira. Pelo contrário, o trabalho de análise é necessário na alfabetização. De que outra forma a criança aprenderia a rimar palavras, a brincar com aliterações (por exemplo, buscar palavras que se iniciem com o mesmo som), a soletrar? A diferença está no ponto de partida e de chegada. Na perspectiva do letramento, todos os trabalhos de análise fonológica partem do texto e terminam no texto porque é o texto, e não a letra, a sílaba ou a palavra isolada o que é relevante na prática social, porque o que interessa é que a criança aprenda a língua escrita – ou seja, ler e escrever textos, não apenas o alfabeto. A criança que trabalha com a palavra “bola” depois de ter discutido uma manchete ou uma legenda, ou uma notícia no jornal sobre a bola que o time perdeu e que lhes custou o jogo é uma criança que terá muitos mais elementos onde ancorar os novos símbolos, as famílias de sílabas, enfim, aquilo que o professor achar importante para o trabalho de sistematização e generalização. Assim como a criança que aprende a letra “E” no contexto da placa do sinal de Estacionamento, para dar outro exemplo.

MV: Na perspectiva dos estudos do letramento, qual o papel do professor alfabetizador? E o aluno, que papel ele passa a assumir no seu processo de aprendizagem?

AK: Na perspectiva dos estudos do letramento, que, lembremos, não é apenas uma perspectiva pedagógica, os usos da língua escrita, na grande maioria das atividades cotidianas, são colaborativos, situados, com metas bem definidas, heterogêneos e, neles, cada um participa segundo suas capacidades, suas motivações, suas histórias. Essas características são importantes como contrapontos ao individualismo, à competição, homogeneidade e divisão em função do saber das práticas escolares de letramento, que podem constituir-se em barreiras para a aprendizagem.

MV: Quais devem ser os princípios gerais na organização de um currículo, voltado para os anos iniciais, se o objetivo é o letramento do aluno, a ampliação de suas práticas discursivas?

AK: Acho que o princípio mais importante é a inserção dos alunos em práticas sociais relevantes e, com base nisso, determinar os gêneros a serem abordados para/em essa prática social, a fim de selecionar textos do gênero segundo sua relevância para o aluno e sua comunidade.

Referências Bibliográficas

KLEIMAN, Angela. Modelos de Letramento e as práticas de alfabetização na escola In: _____. (org.) *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p.15-59.

_____. *Preciso ensinar letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?* Campinas: CEFIEL/UNICAMP, 2005. (Coleção Linguagem e Letramento em foco).

VOLOCHINOV/BAKHTIN, *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11.ed. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira São Paulo: Hucitec, 2004.